

A GRAVIDADE DOS PECADOS

Os pecados devem ser julgados segundo a sua gravidade. Há pecados que não levam à morte e pecados que conduzem à morte (1Jo 5-16-17), por isso, a Tradição da Igreja distingue entre pecados mortais e pecados veniais.

O *pecado mortal* é uma infração grave à Lei de Deus e destrói a caridade no coração do homem porque desvia o homem do seu fim último: Deus que é a bem-aventurança eterna. Em vez de escolher a Deus o homem prefere um bem inferior. O *pecado venial* não desvia o coração do homem, pois, é uma falta contra a caridade, ofendendo-a e ferindo-a.

Para que um *pecado* seja *mortal*, requerem-se, em simultâneo, três condições: a matéria grave, a plena consciência e o propósito deliberado, isto é, *plena consciência e total consentimento*. O homem sabe que tal ato é pecado porque se opõe a Lei de Deus, mesmo assim, opta por pecar. Isto implica um consentimento suficientemente deliberado.

A *ignorância involuntária* pode diminuir, ou até desculpar; mas, devemos supor que ninguém ignora os princípios da lei moral, inscritos na consciência do ser humano. Contudo, os impulsos e as paixões podem diminuir o carácter voluntário da falta. O mesmo se diga de pressões externas e de perturbações patológicas. O pecado é grave quando é cometido por malícia, por uma escolha deliberada.

O pecado mortal tem como consequência a perda da caridade e a privação da graça santificante. E se não for resgatado pelo arrependimento e pelo perdão de Deus, originará a exclusão do Reino de Cristo e a morte eterna no Inferno, uma vez que a nossa liberdade tem capacidade para fazer escolhas definitivas, irreversíveis.

Quanto ao *pecado venial* acontece quando, em matéria leve, não se observa a medida prescrita pela lei moral ou quando, em matéria grave, se desobedece à lei moral, mas sem pleno conhecimento ou sem total consentimento.

«O pecado venial enfraquece a caridade, traduz um afeto desordenado aos bens criados, impede o progresso da pessoa no exercício das virtudes e na prática do bem moral; e merece penas temporais. O pecado venial deliberado e não seguido de arrependimento, dispõe, a pouco e pouco, para cometer o pecado mortal. No entanto, o pecado venial não quebra a aliança com Deus e é

humanamente reparável com a graça de Deus. «Não priva da graça santificante, da amizade com Deus, da caridade, nem, portanto, da bem-aventurança eterna»
«Enquanto vive na carne, o homem não é capaz de evitar totalmente o pecado, pelo menos os pecados leves. Mas estes pecados, que chamamos leves, não os tenhas por insignificantes. Se os tens por insignificantes quando os pesas, treme quando os contas. Muitos objetos leves fazem uma massa pesada; muitas gotas de água enchem um rio; muitos grãos fazem um monte. Onde, então, está a nossa esperança? Antes de mais, na confissão...» (CIC 1863)

O pecado é um ato pessoal. Como nos diz São Paulo, podemos ser conduzidos pelo poder do pecado ou pelo poder da graça de Deus: «*Não entregueis os vossos membros, como armas da injustiça, ao serviço do pecado. Pelo contrário, entregai-vos a Deus, como vivos de entre os mortos, e entregai os vossos membros, como armas da justiça, ao serviço de Deus. Pois o pecado não terá mais domínio sobre vós, uma vez que não estais sob a Lei, mas sob a graça*». (Rom 6,12-14). O poder da graça vem do Espírito Santo; o poder do pecado vem de Satanás, nosso inimigo. O Espírito Santo leva-nos para o Céu; Satanás leva-nos ao Inferno.

São Paulo diz-nos ainda: «*Mas eu digo-vos: caminhei no Espírito, e não realizareis os apetites carnis. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne; são, de facto, realidades que estão em conflito uma com a outra, de tal modo que aquilo que quereis, não o fazeis*» (Gal 5,16-17). Os desejos da carne conduzem ao pecado; os desejos do Espírito conduzem à santidade. Os desejos da carne afastam do Reino de Deus; os desejos do Espírito nos aproximam dele.

Em princípio, ninguém quer pecar, mas existe um poder invisível, o demónio, que nos leva a pecar, embora, ninguém possa dizer: «pequei por culpa do demónio»; ele pode tentar-nos, mas sempre lhe podemos resistir.

O pecado é sempre uma cedência que depende da nossa vontade e da nossa livre escolha. O pecado tende e reproduzir-se e a refozar-se, como se pode ler no Catecismo da Igreja Católica: «*O pecado arrasta ao pecado; gera o vício, pela repetição dos mesmos actos. Daí resultam as inclinações perversas, que obscurecem a consciência e corrompem a apreciação concreta do bem e do mal. Assim, o pecado tende a reproduzir-se e reforçar-se, embora não possa destruir radicalmente o sentido moral*» (CIC 1865)

O pecado é sempre um ato pessoal: pecamos porque escolhemos o mal. Outro aspeto importante é que temos responsabilidade pelos pecados cometidos por outros quando neles cooperamos. É o que podemos ler no Catecismo da Igreja Católica, artigo 1868: «*O pecado é um ato pessoal. Mas, além disso, nós temos*

responsabilidade nos pecados cometidos por outros, quando neles cooperamos: tomando parte neles, direta e voluntariamente; ordenando-os. aconselhando-os, aplaudindo-os ou aprovando-os; não os denunciando ou não os impedindo, quando a isso obrigados; ou protegendo os que praticam o mal».

Os pecados mortais atraem maldições. O que são as maldições? Uma maldição é o oposto de uma bênção. No livro dos provérbios, lemos: «A desgraça persegue os pecadores» (Pr 33,21) e mais a frente: «*A maldição do Senhor cai sobre a casa do ímpio, mas Ele abençoa a morada dos justos. Ele escarnece dos escarnecedores, mas concede a sua graça aos humildes. A glória será a herança dos sábios, mas os insensatos suportarão a ignomínia*» (Pr 3,33-35)

São Paulo diz-nos também: «*Tribulação e angústia para todo o ser humano que pratica o mal*» (Rm 2:9). Estas citações são claras: «*A desgraça persegue os pecadores*». Em resumo, se estivermos em graça e rezarmos a Deus, recebemos bênçãos nas nossas vidas. Se formos infiéis a Deus e à Sua Aliança, ou seja, aos Seus mandamentos, receberemos Maldições nas nossas vidas.

Deus detesta o pecado, mas ama o pecador. Deus nunca nos rejeita. Mesmo se estivermos em pecado, Deus continua a amar-nos. Com Deus, não há casos perdidos. Com Deus, tudo se pode resolver. Não há nenhum pecado que Deus não possa perdoar. Esta é uma Grande Notícia. Cabe a nós tomarmos a decisão de nos aproximarmos de Deus e de nos convertermos verdadeiramente. Temos de acreditar que a nossa libertação foi por um alto preço. Jesus teve de morrer para que tivéssemos vida. Deus salva-nos e liberta-nos através de Jesus pela Sua morte, ressurreição e glorificação. Deus deu-nos os Seus mandamentos e eles são para cumprir. Não é como alguns que só querem cumprir alguns dos mandamentos de Deus e os outros querem fazer à sua maneira, confirmando aquilo que o profeta Jeremias escreveu: «*Porque o Meu povo cometeu um duplo crime: abandonou-me, a Mim, fonte de Águas Vivas, para cavar cisternas rôtas, que não podem reter água*» (Jr 2,13). O pecado é não observar os dez mandamentos da Lei de Deus (Ex 20,2-27; Dt 5,6-21).

- Catecismo da Igreja Católica, nn. 1854-1864;
- Cf. João Carlos da Silva Dias, *Em meu nome expulsarão demónios*, Ed. Indugráfica, Batalha, Fátima, Portugal, pp. 73-77